



NAS ESTRELAS: OS DISCURSOS SOBRE DOENÇA NA LITERATURA JOVEM CONTEMPORÂNEA

IN THE STARS: DISCOURSES ABOUT ILLNESS IN CONTEMPORARY YOUNG ADULT LITERATURE

*Isabel Travancas*¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - RJ

*Daniele da Silva Garcez Novaes*²

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - RJ

Resumo

Partindo da perspectiva da doença como uma construção social, o objetivo deste trabalho é investigar as estratégias comunicacionais adotados em duas obras da literatura jovem adulta publicadas nos anos 2010. Após o sucesso do livro *A Culpa é das Estrelas*, de John Green (2012), houve um aumento no número de romances sobre doenças endereçados ao público jovem em listas de *best-sellers*. Nesse mesmo período, começou a circular no mercado brasileiro a categoria *sick-lit* e as editoras apostaram em autores nacionais com abordagens similares — como é o caso do *Céu Sem Estrelas*, de Iris Figueiredo (2018). O sucesso desses livros pode ser compreendido como parte de uma miríade de produtos da cultura terapêutica (ILLOUZ, 2011), que se utiliza de estratégias sensíveis (SODRÉ, 2016) para atender aos desejos dos leitores por respostas e identificação.

Palavras-chave

Sick-lit. Literatura jovem-adulta. Best-seller. Mercado editorial. Cultura terapêutica.

Abstract

From the perspective of illness as a social construction, the objective of this work is to investigate the communication strategies adopted in two works of young adult literature published in the 2010s. There has been an increase in the number of disease novels addressed to young audiences on best-seller lists. In the same period, the sick-lit category began to circulate in the Brazilian market and publishers bet on national authors with similar approaches — such as the case of *Céu Sem Estrelas*, by Iris Figueiredo (2018). The success of these books can be understood as part of a myriad of products from the therapeutic culture (ILLOUZ, 2011), which uses sensitive strategies (SODRÉ, 2016) to meet readers' desires for answers and identification.

Keywords

Sick-lit. Young-adult Literature. Bestseller. Publishing Market. Therapeutic Culture.

Introdução

Publicado originalmente pela editora *Penguin Random House*, em janeiro de 2012, *A Culpa é das Estrelas* ficou conhecido mundialmente por contar a história de um

¹ Professora associada do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da UFRJ. E-mail: isabeltravancas@gmail.com.

² Mestre em Comunicação e Cultura pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Escola de Comunicação da UFRJ. E-mail: danielenovaes@gmail.com.



romance entre adolescentes com câncer. No mesmo ano, o livro teve os seus direitos vendidos para a *Fox 2000 Pictures*, que lançou um longa-metragem homônimo em 2014 e foi responsável por impulsionar ainda mais as vendas da obra do autor estadunidense John Green. Após a estreia do filme, a edição brasileira publicada pela editora Intrínseca ultrapassou a marca de 1 milhão de exemplares vendidos³.

Uma das chaves de compreensão do sucesso de *A Culpa é das Estrelas* é o contexto de sua produção. O século XXI é marcado pelo aumento da segmentação no mercado editorial. Novas categorias foram criadas para atender demandas específicas de cada público e é possível identificar “ondas temáticas” na lista de mais vendidos que retroalimentam a produção e o consumo de determinadas temáticas. Além disso, essas narrativas são produzidas em um contexto em que suas histórias não se encerram nas páginas dos livros. Elas viram produtos audiovisuais e circulam nas redes sociais através de resenhas, postagens de fãs e dos próprios autores. O caso mais conhecido desse processo de multimidiatização é a série de fantasia *Harry Potter*, da autora inglesa J. K. Rowling, publicada entre 1999 e 2007.

Ao analisarmos a lista de livros mais vendidos da revista *Veja* (1999-2019) e do portal *Publishnews* (2010-2019), as duas últimas décadas se mostraram promissoras para a literatura endereçada aos jovens no Brasil. Conhecido como *Young Adult* (YA) ou “jovem adulto”, esse gênero do mercado editorial surgiu nos Estados Unidos na década de 1960 e, no início do século XXI, suas traduções tornaram-se populares no Brasil.

Apesar do livro *A Culpa é das Estrelas* não ser pioneiro ao apresentar uma narrativa endereçada ao público jovem com personagens doentes, ele é um dos primeiros livros que aparece com essa proposta presente nas listas dos mais vendidos que analisamos. Posteriormente, outros títulos da literatura jovem adulto tornaram-se *best-sellers*; e algumas editoras começaram a apostar em jovens autores nacionais que escrevem histórias similares ambientadas no Brasil — como é o caso de *Céu Sem Estrelas*, da autora Iris Figueiredo (2018).

Inicialmente apresentamos uma breve história da literatura *Young Adult* nos Estados Unidos e como essa categoria se torna *best-seller* no mercado editorial brasileiro

³ VEJA. Filme “A Culpa é das Estrelas” impulsiona venda dos livros. 15 de junho de 2014.



no século XXI. Para isso, realizamos uma pesquisa bibliográfica, sobretudo de artigos científicos, reportagens publicadas em sites de notícias nacionais e internacionais, redes sociais para leitores (*Goodreads* e *Skoob*), perfis e blogs de editoras, autores e blogueiros literários. Seguimos para uma discussão teórica sobre a cultura terapêutica (ILLOUZ, 2011) e a transformação dos sentidos das doenças na ficção. Por fim, analisamos os discursos e paratextos dos livros *A Culpa é das Estrelas* e *Céu Sem Estrelas*. Para complementar a análise da obra brasileira *Céu Sem Estrelas* entrevistamos a autora Iris Figueiredo.

O surgimento da literatura *Young Adult*

Em 1951, J. D. Salinger publicou a obra *O Apanhador no Campo de Centeio*. A história que tinha originalmente como público alvo os leitores adultos, ganhou popularidade entre os jovens ao fazer críticas à sociedade da época e abordar temas como angústia, perda e identidade. No entanto, a literatura *Young Adult* só começou a se consolidar como um gênero do mercado editorial estadunidense na década de 1960, a partir de sucessos de venda como *The Outsiders: Vidas Sem Rumo*, de Susan E. Hinton (1967), e *The Contender*, de Robert Lipsyte (1967) — ambas as histórias apresentam personagens jovens marginalizados e abordam temáticas sobre violência, discriminação social e uso de drogas. Para Michael Cart (2001), autor estadunidense especialista em literatura infantil e jovem-adulto, esses livros marcaram a abertura do gênero como “ficção realista para jovens” e fizeram parte da primeira “era de ouro” da literatura jovem adulto.

Um dos fatores que contribuiu para a consolidação desse gênero foi a transformação do conceito de adolescência no Pós-Segunda Guerra Mundial. Este foi um período em que os jovens participaram ativamente de movimentos pelos direitos civis de LGBTs, mulheres, pessoas com deficiência e negros. Neste contexto, diversos atores conservadores, entre eles a grande mídia, contribuíram para associar a adolescência à delinquência juvenil e à ideia de “rebeldes sem causa”. Os próprios estudos que surgem



na década de 1950 e 1960 sobre a cultura jovem privilegiavam a análise desses grupos enquanto uma subcultura “desviante”⁴.

Ao pesquisar sobre a experiência da leitura entre adolescentes, Isabel Travancas (2020: 40) ressaltava a dificuldade em definir o jovem no mundo contemporâneo: “não podemos entender a juventude apenas como uma faixa etária”. O sociólogo Anthony Giddens (2012) atribui a essa fase à um estágio específico de sociedades modernas, vivenciado de forma diferente por pessoas de distintas classes sociais e grupos étnicos, em que jovens entre 20 e 30 anos ainda estão experimentando seus relacionamentos e estilos de vida.

A literatura *Young Adult* rompe com a ideia de uma “juventude inocente” que precisa ser protegida dos problemas do mundo para dialogar diretamente com os jovens sobre a realidade. Ela surge como uma demanda desse novo público, apresentando narrativas sobre uso de drogas, bebidas, sexo, mortes, doença, suicídio e abusos.

No entanto, não podemos ignorar que apesar de ser um gênero muitas vezes conhecido pela sua “transgressão temática”, para a pesquisadora Maia Pank Mertz (1978: 103) esse “novo realismo revela que também tende a advogar pelos valores tradicionais ao invés de desafiá-los”. Mertz cita o caso do livro *Mr. And Mrs. Bo Jo Jones*, de Ann Head (1967), que no final da década de 1970, foi condenado pelo Conselho Nacional de Professores de Inglês dos Estados Unidos por imoralidade ao abordar a gravidez na adolescência. No entanto, segundo Mertz, a reação da personagem, quando é questionada sobre a possibilidade de fazer o aborto, está alinhada com o pensamento conservador, uma vez que ela afirma veementemente que aquela seria uma atitude “muito errada”.

Depois do primeiro do primeiro sucesso do *Young Adult* na década de 1970, essa literatura voltou a crescer no começo dos anos 2000, apresentando novas estratégias e uma maior pluralidade de estilos narrativos, como a fantasia e a distopia. Segundo Michael Cart⁵, essa já pode ser considerada a “segunda era de ouro” da literatura *Young*

⁴ Ver em: *Delinquent Boys*, Albert Cohen (1955); *Delinquency and Opportunity*, Richard A. Cloward e Lloyd E. Ohlin (1960); *Folk Devils and Moral Panics: The Creation of the Mods and Rockers*, Stanley Cohen (1972).

⁵ STRICKLAND, A. A brief history of young adult literature. CNN, 15 de abril de 2015.



Adult. O retorno do sucesso desses livros ocorreu em um contexto de multimidiatização, contribuindo para que essas narrativas se tornassem *best-sellers* mundiais.

***Best-sellers* da literatura jovem adulta no Brasil**

Essa nova ascensão do *Young Adult* nas primeiras décadas do século XXI também está visível entre os livros mais vendidos no Brasil. Ao analisarmos as listas anuais da revista *Veja* (1999-2019) e do portal *Publishnews* (2010-2019) é notória a presença de livros estrangeiros no mercado brasileiro, o que contribuiu para a popularidade das narrativas endereçadas ao público jovem nesses últimos 20 anos.

Conhecida também entre leitores e editoras brasileiras pela sigla YA, ou pela tradução “jovem-adulto”, esse gênero se distingue da literatura infanto-juvenil pelo diálogo direto com o seu público, sem intermédio da escola. Essa característica de produção voltada para o mercado reforça a visão dessa literatura como *best-seller*. Sinônimo de literatura de mercado, narrativa de massa e folhetim, o sociólogo Muniz Sodré (1985) define esse tipo de livro como um produto em que as condições de produção presidem em “uma intenção industrial de atingir um público muito amplo” (SODRÉ, 1985: 75).

A literatura YA aparece pela primeira vez nas listas anuais de livros mais vendidos da revista *Veja* no ano 2000, na seção de ficção geral, com o início do sucesso da série *Harry Potter*. Até 2014, os editores da revista dividiam os *best-sellers* em três categorias (ficção geral, não ficção e autoajuda), mas quando a categoria ficção geral chegou a ter nove das dez colocações ocupadas por obras destinadas ao público jovem, a *Veja* enxergou a necessidade de criar uma nova categoria chamada “infantojuvenil”.

Na trajetória recente da literatura jovem-adulta *best-seller* ficam evidentes os aspectos mercadológicos que envolvem a produção desses livros em termos de segmentação e subdivisões por temática e público leitor (SODRÉ, 1985). Ao analisarmos as listas anuais de livros mais vendidos da revista *Veja* (1999-2019) e do portal *Publishnews* (2010-2019) dos últimos vinte anos identificamos uma pluralidade temática dentro do YA.



No mercado brasileiro, os anos 2000 foram marcados pelo protagonismo de fantasias como *Harry Potter* (2000-2007), *Percy Jackson* (2005-2009) e *Crepúsculo* (2006-2008); seguidos pelas distopias, *Jogos Vorazes* (2010-2011) e *Divergente* (2012-2014); e, posteriormente, houve a ascensão dos romances realistas, como *A Culpa é das Estrelas* (2012), *Os Treze Porquês* (2009), *As Vantagens de Ser Invisível* (2007), entre outros.

Nesse período em que os romances realistas YA se consagram como *best-sellers*, surge na mídia uma discussão iniciada pelo jornal conservador britânico *Daily Mail* sobre a produção de narrativas endereçadas ao público jovem com personagens doentes. Ao mesmo tempo, o termo *sick-lit* começa a circular entre diferentes atores do mercado editorial como uma forma de classificar esses livros.

A *sick-lit* como gênero do mercado editorial brasileiro

Não existe um consenso em relação ao uso do termo *sick-lit*, mas é possível identificar esta categoria em jornais e no mercado editorial para classificar romances jovens em que a doença aparece como tema central da narrativa — principalmente, a partir de 2012 com as polêmicas envolvendo o sucesso de livros como *A Culpa é das Estrelas*.

Em 3 de janeiro 2013, no *Daily Mail*, a jornalista Tanith Carey foi responsável por evidenciar esse fenômeno “perturbador”. Ela acusou os editores de explorarem doenças terminais e o suicídio através da romantização e banalização desses temas⁶. Logo em seguida, o *The Guardian*, que faz oposição ao outro jornal, publicou uma resposta através de um texto da Michelle Pauli, editora da seção de livros. Pauli critica a postura conservadora do *Daily Mail*, que defende uma literatura para jovens higienizada e ignora que a doença, a depressão e a sexualidade fazem parte da vida dos adolescentes⁷. Essa

⁶ CAREY, T. The 'sick-lit' books aimed at children: It's a disturbing phenomenon. Tales of teenage cancer, self-harm and suicide... *Daily Mail*, 03 de Janeiro de 2013.

⁷ PAULI, M. 'Sick-lit'? Evidently young adult fiction is too complex for the *Daily Mail*. *The Guardian*, 04 de janeiro de 2013.



discussão também chegou ao Brasil através de veículos como *O Globo*⁸ e a revista *Veja*⁹ e aos poucos o termo passou a circular entre leitores e editoras, seja para reconhecer a categoria ou para negá-la.

No *YouTube*, encontramos leitores que se propõem a falar e a definir esse tipo de literatura. Conhecidos como *booktubers*, esses usuários têm como objetivo compartilhar suas opiniões sobre suas leituras. No cenário brasileiro, em um vídeo com mais de 2 mil visualizações, a *booktuber* Bruna Miranda explica *O que é sick lit?*:

Sick Lit é um gênero literário recente. Literalmente, *sick*, quer dizer doente ou doença, e *lit*, literatura. Então, é uma literatura de doenças, uma literatura enferma. Esse gênero agrupa todos os livros em que o personagem tem alguma doença, seja ela física ou psicológica. A maioria dos livros trata de depressão, anorexia, tendências suicidas, mas também tem casos de doença física ou alguns distúrbios, ou algo do tipo.¹⁰

Até 2020, outra definição muito similar podia ser encontrada no site da editora brasileira Rocco:

Polêmica, multifacetada... necessária. A chamada sick-lit ganhou fama após o sucesso de livros como *As vantagens de ser invisível*, de Stephen Chbosky, e *A culpa é das estrelas*, de John Green. Mas muitos se perguntam se é recomendável falar abertamente com os jovens sobre doenças graves, depressão, distúrbios emocionais, tentativas de suicídio e outros temas espinhosos. E por que não? Se a literatura é capaz de nos levar a viver vidas diferentes e conhecer novos mundos, ela também tem o poder de nos conectar com o que há de mais nobre e mais sombrio em nós mesmos. Ao optar por histórias que vão muito além do final feliz, protagonizadas por personagens que compartilham muitas das angústias e dores dos adolescentes, escritores talentosos dizem ao leitor que ele não está sozinho, mostrando como outros jovens lidam com seus problemas, e podem fazer a diferença na vida de muita gente. Quer final mais feliz que esse?¹¹

⁸ MIRANDA, A. 'Sick-lit', a nova e polêmica literatura para adolescentes. *O Globo*, 21 fev 2013; OSWALD, V. Phil Earle refuta o termo 'sick-lit': 'essa literatura é uma forma de ajudar as pessoas'. *O Globo*, 20 fev 2013; MIRANDA, A. Temas como suicídio, abuso infantil e depressão também fazem sucesso nos cinemas. *O Globo*, 20 de fevereiro de 2013.

⁹ CARNEIRO, R. 'Sick-lit': a literatura que não subestima o adolescente. *VEJA*, 26 maio 2013.

¹⁰ MIRANDA, Bruna. *O que é sick lit?*. 2016. (1m51s). Disponível em: <<https://youtu.be/Xgkim6QSnHE>> Acesso em: 14 de agosto de 2020.

¹¹ ROCCO. Sick lit. Disponível em: <<https://www.rocco.com.br/lojaespecial/especial-sick-lit/>>. Acesso em: 29 de abril de 2020.



Em 2019, ao analisarem os livros *A mais pura verdade*, de Dan Gemeinhart (2014), *Fora de mim*, de Sharon M. Draper (2010) e a recepção entre leitores no *Skoob* — rede social digital brasileira para leitores — as pesquisadoras Rosa Silveira e Bruna Silveira (2019) afirmam que os autores desse gênero utilizam estratégias narrativas e textuais que tornam a leitura acessível e apostam na verossimilhança para capturar o interesse dos leitores. Elas encontraram muitos leitores que mencionam, de forma positiva, o caráter emotivo dos livros.

A partir dessas definições, identificamos em nosso levantamento seis *best-sellers* que podem ser classificados como *sick-lit*:

Tabela 1: *Best-sellers* do gênero jovem adulto sobre doenças no Brasil

Título	Autor(a)	Ano (publicação brasileira)	Ano (<i>Best-sellers</i>)*	Temáticas
<i>As Vantagens de Ser Invisível</i>	Stephen Chbosky	2007	2012 2013	Depressão e suicídio
<i>A Culpa é das Estrelas</i>	John Green	2012	2013 2014 2017	Câncer terminal
<i>Seu Eu Ficar</i>	Gayle Forman	2014	2014 2015	Acidente de carro e coma induzido
<i>Os Treze Porquês</i>	Jay Asher	2009	2017	Suicídio
<i>Tartarugas Até Lá Embaixo</i>	John Green	2017	2018	Transtorno obsessivo-compulsivo
<i>A Cinco Passos de Você</i>	Mikki Daughtry et al.	2019	2019	Fibrose cística

Fonte: Listas anuais de livros mais vendidos da Revista Veja (1999-2019) e do Portal Publishnews (2010-2019).

Em todos esses livros a doença é um elemento fundamental. No entanto, para além da doença, essas histórias protagonizadas por personagens adolescentes também aborda o ambiente escolar, amizades, sexo e namoros. Outro ponto em comum é que todos os livros *best-sellers* citados acima tiveram os seus direitos vendidos para a produção de adaptações audiovisuais.



Ainda que neste levantamento não apareçam livros nacionais nas listas de livros mais vendidos com essas características, ao analisarmos o catálogo dos selos jovens de editoras brasileiras, de redes sociais para leitores e blogs literários, foi possível identificar algumas produções nacionais de romances jovem adulto que abordam a temática de doenças e transtornos mentais em suas narrativas, como: *O Céu Sem Estrelas*, de Iris Figueiredo (2018); *Antes de Tudo Acabar*, de Mary C. Müller (2017); *Como Eu Imagino Você*, de Pedro Guerra (2017) e *O Garoto Quase Atropelado*, de Vinícius Grossos (2015).

A doença como ficção

O termo *sick-lit* foi criado pela socióloga Julie Elman (2012; 2014) para nomear a produção expressiva de livros para jovens adultos produzidos na década de 1980 sobre doenças. Elman afirma que essas narrativas foram construídas em um momento em que os Estados Unidos viviam a ascensão do “novo conservadorismo”. Para ela, o surgimento desses livros foi uma resposta ao movimento liberal social pós-1968 e às mudanças econômicas pós-fordistas em favor de uma indústria de serviços que transforma as emoções em *commodities* (ELMAN, 2012).

A pesquisadora identifica uma transição do imaginário do adolescente rebelde para uma “juventude crônica” onde as narrativas apresentam diversas doenças “como encarnações indesejáveis e obstáculos ao desenvolvimento, a fim de significar a instabilidade intangível da adolescência ‘normal’ e fornecer estratégias para sua contenção”¹² (ELMAN, 2014: 5, tradução nossa). Para Elman, essas “narrativas reabilitadoras” colocam a superação da deficiência como uma metáfora para o alcance da maturidade e igualam uma “boa” capacidade física e a heterossexualidade como um caminho para uma vida adulta madura e saudável.

Os sentidos de uma doença estão em constante transformação, tendo em vista fatores sociais, culturais e históricos. Em diversas épocas, teorias psicológicas, religiosas e de ordem moral buscaram responder ao que medicina tradicional não foi capaz. No final da década de 1970, a filósofa Susan Sontag (1977) já denunciava o uso de metáforas como

¹² No original: “as undesirable embodiments and obstacles to development in order to signify the otherwise intangible instability of “normal” adolescence and provide strategies for its containment”.



responsável por criar estereótipos e estigmatizar pessoas doentes. Alguns dos exemplos apresentados por Sontag são: o papel da literatura na romantização da tuberculose e na formação do imaginário popular da doença como um sinal de refinamento e sensibilidade, no século XIX; e as diversas metáforas que usam o câncer como sintetize do “mal”. A principal crítica feita pela filósofa é que todo esse imaginário esconde a realidade da doença e afasta o paciente da busca por um tratamento adequado.

O sucesso dessas narrativas na última década e a criação do termo *sick-lit* podem ser compreendidos como “sintomas” de uma sociedade que utiliza cada vez mais a linguagem da terapia como forma de reorganizar “as concepções do eu, da vida afetiva e até das relações sociais” (ILLOUZ, 2011: 15). Para a socióloga, Eva Illouz (2011), a “cultura terapêutica” — que surge no período entreguerras com a psicanálise e a expansão da literatura de aconselhamento — é responsável por colocar a saúde e a autorrealização no centro de uma narrativa do eu.

Ao criar vínculos com o leitor por meio de “estratégias sensíveis”, essas narrativas sobre doenças dialogam com as subjetividades e mobilizam “a consciência do leitor exasperando a sua sensibilidade” (SODRÉ, 1985: 15). Sodré utiliza o conceito de estratégias sensíveis para se referir “aos jogos de vincula o dos atos discursivos às rela o de localiza o e afeta o dos sujeitos no interior da linguagem” (SODRÉ, 2016: 10).

Enquanto *best-sellers*, essas narrativas ficcionais sobre doenças acionam a memória afetivo-cultural (SODRÉ, 1985) contribuindo para provocar no leitor a catarse. Esta pode acionar emo es reprimidas e a compaixão, pois, “entendida como uma espécie de purga o, permite a identifica o com os sofrimentos do personagem” (TRAVANCAS, 2013: 90-91). Como veremos na análise dos livros selecionados, a identifica o   um elemento fundamental para a conexão do leitor com a obra e o sucesso dessas narrativas.



Romances jovem adultos sobre doenças: A culpa é das estrelas e Céu sem estrelas

Em *A Culpa é das Estrelas*, de John Green (2012), o leitor é convidado pelos paratextos a acompanhar uma história que o fará rir, chorar e ainda querer mais, segundo a citação do autor Markus Zusak e utilizada pela editora Intrínseca. Na quarta capa há uma citação do *New York Times*, que sugere o que ao leitor o que esperar da leitura: “um misto de melancolia, doçura, filosofia e diversão. Green nos mostra um amor verdadeiro... muito mais romântico que qualquer pôr do sol à beira da praia”. O leitor toma ciência de que obra aborda uma doença terminal na orelha do livro.

A história narrada em primeira pessoa é sobre Hazel, uma jovem de 16, que tem câncer terminal de tireoide com metástase nos pulmões. Para além das questões que envolvem a sua doença, acompanhamos seu romance adolescente, suas reflexões sobre a vida e a morte.

Ao frequentar um grupo de apoio para jovens com câncer, Hazel conhece Augustus Waters (ou Gus). O jovem perdeu uma das pernas por causa de um câncer ósseo que estava em remissão há mais de um ano. Ambos compartilham um humor ácido, inteligente e cheio de metáforas quando falam sobre a vida, a morte e suas doenças. Augustus, ao andar com um cigarro apagado entre os dentes, diz “você coloca a coisa que mata entre os dentes, mas não dá a ela o poder de completar o serviço” (Green, 2012: 16).

Mesmo tendo sua saúde fragilizada pela doença, Hazel e Gus não deixam de ser adolescentes que sofrem com inseguranças em relação à aparência, ao primeiro amor, à virgindade e ao futuro, que se divertem e “quebram as regras”. Essas características contribuem para uma maior identificação por parte dos leitores que, independentemente de terem ou não a doença, conseguem se identificar com os personagens. Assim, apresentar protagonistas doentes vivenciando experiências comuns a essa fase da vida, desconstrói a percepção limitante que se tem de pacientes com câncer.

A narrativa é repleta de reviravoltas e momentos dramáticos que levam o leitor a acreditar que o estado de saúde de Hazel é mais grave do que o do namorado. Após encontrarem o seu autor favorito (Peter Van Houten) e vivenciarem uma noite romântica em Amsterdã. Ao fim da viagem, Gus traz a jovem de volta à realidade ao contar que o



seu câncer havia se espalhado: “eu acendi como uma árvore de Natal, Hazel Grace. Dentro do tórax, o lado esquerdo do meu quadril, meu fígado, tudo” (Green, 2012, : 194).

O livro termina com uma carta escrita por Augustus para Van Houten, na qual pede ajuda ao autor para escrever um elogio fúnebre para a namorada (carta a qual Hazel teve acesso posteriormente através da assistente do autor). Gus fala sobre as marcas que deixamos no mundo para sermos lembrados após a morte e problematiza as escolhas que fazemos em nossas vidas.

Com o título *A Culpa é das Estrelas*, John Green busca desconstruir a noção de doença como uma consequência das ações e escolhas do indivíduo. Para expressar seu objetivo o autor cita um trecho de *Júlio César*, de William Shakespeare, em uma das cartas de Van Houten:

(...) é da natureza das estrelas se cruzar, e nunca Shakespeare esteve tão equivocado como quando fez Cássio declarar: “A culpa, meu caro Bruto, não é de nossas estrelas / Mas de nós mesmos”. Fácil falar quando se é um nobre romano (ou Shakespeare!), mas não há qualquer escassez de culpa em meio às nossas estrelas. (GREEN, 2012:106)

Outro elemento paratextual importante para compreensão das estratégias utilizadas na narrativa é a nota de agradecimentos do autor. John Green frisa que o tratamento de Hazel descrito na história é ficcional: “eu o inventei, porque gostaria que existisse”. O autor acrescenta informações de pesquisadores para aqueles que tiverem interesse em ler histórias reais de câncer.

Seis anos após *A Culpa é das Estrelas*, o romance nacional *Céu Sem Estrelas*, de Iris Figueiredo (2018), é publicado pela Seguinte, selo jovem da Companhia das Letras. A capa apresenta a sombra de uma jovem gorda em cima de uma montanha encarando o horizonte e o céu estrelado. O texto da quarta capa começa com a frase: “Quando não vemos estrelas no céu, é preciso buscar a luz ao nosso redor”; seguida pela sinopse do livro, onde são apresentados os principais conflitos internos da personagem principal: inseguranças em relação ao corpo e a instabilidade da sua mente.

Outros elementos paratextuais fornecem pistas aos leitores de que esta é uma obra que aborda aspectos da saúde mental da personagem. A autora dedica o livro “a todos



aqueles que não conseguem enxergar as estrelas” e, como epígrafe, cita a frase de um dos seus livros favoritos, *A cor púrpura*, de Alice Walker: “Já é duro o bastante tentar levar a vida sem ser maluco”. Em entrevista concedida pela autora¹³, ela afirma que sua intenção não foi escrever uma história sobre uma doença, mas sim “uma história sobre o amadurecimento, sobre essa fase de transformação (...) uma história que tivesse uma pessoa se formando, se moldando e, por acaso, essa menina tinha um transtorno”.

No livro, essa menina é Cecília, uma jovem gorda que acabou de completar dezoito anos e está iniciando os estudos na faculdade de desenho industrial e perdeu emprego no dia do seu aniversário. Como característica marcante dos romances para jovens adultos, a personagem também precisa lidar com o início de uma paixão — que também se torna um problema devido às inseguranças da personagem.

Uma das estratégias narrativas utilizada pela autora foi alternar o ponto de vista de Cecília com o do Bernardo, par romântico da história. Segundo Iris Figueiredo, seu objetivo foi retratar como é conviver com alguém que apresenta um transtorno mental.

Ao longo da história, Cecília enfrenta situações que despertam as suas inseguranças e a fazem questionar se ela é um ser humano desejável, que pode ser amado. A origem de seus traumas está na relação conflituosa com a mãe e o abandono do pai. Na maior parte da narrativa, ela se coloca na posição de culpada por suas ações e sentimentos e, até mesmo, por existir.

Os momentos mais marcantes da narrativa são aqueles em que a doença mental de Cecília (ainda não diagnosticada) se manifesta da pior forma. Após passar por mais de uma situação de conflito com a mãe, ela se autoflagela. A personagem descreve a sua ação como um grito silencioso: “não era para chamar atenção, porque não havia como fazê-lo quando ninguém estava olhando” (Figueiredo, 2018: 246). Outra situação semelhante ocorre nos últimos capítulos, quando Cecília desaparece após se sentir vulnerável ao retomar o relacionamento com Bernardo. A jovem é encontrada no alto de uma pedra na praia encarando o horizonte — cena que ilustra a capa do livro.

¹³ Entrevista concedida por Iris Figueiredo às autoras do artigo. Rio de Janeiro/São Gonçalo (via Skype). 11 de maio de 2020.



A narrativa termina com Cecília indo pela primeira vez ao psiquiatra. Nesse momento, ela revela suas intenções ao ter subido na pedra. Questionada pelo médico se pensou em pular, a personagem confessa para o leitor: “Hesitei. Sabia a resposta, mas dizer em voz alta era mais do que já tinha feito. O pensamento sempre estivera ali, latente, mas eu nunca havia verbalizado. Mais uma vez, apenas concordei com a cabeça” (Figueiredo, 2018, : 341). Ao retratar esse momento em que personagem pede ajuda especializada, Iris Figueiredo contribui para desmistificação do tratamento psiquiátrico e do diagnóstico de doenças mentais, ainda visto como um tabu na nossa sociedade. No epílogo, após alguns meses de tratamento, Cecília fala como, a partir do seu diagnóstico conseguiu nomear o que sentia e começou a viver um dia de cada vez.

Assim como no livro de John Green, a nota da autora é um elemento importante do livro. Nesse espaço, Iris Figueiredo dialoga diretamente com o leitor. Ela fala sobre a sua ligação pessoal com o tema: “Escrevi este livre pensando em todas as vezes que me senti triste e sozinha, esperando que em algum lugar houvesse outra pessoa capaz de entender o que se passava em minha cabeça (...)” (FIGUEIREDO, 2018, : 353); e aconselha o leitor a procurar ajuda, caso esteja experimentando sentimentos similares ao de Cecília, como pensamentos suicidas e de autoflagelação. Além disso, ela indica formas de buscar ajuda através do Sistema Único de Saúde (SUS) e do Centro de Valorização à Vida (CVV).

Outra semelhança nas obras é a preocupação por parte das editoras com as informações fornecidas sobre doenças para os leitores. Em entrevista, Iris Figueiredo afirma que “queria tratar [o transtorno de *borderline*] de uma forma que fosse responsável e mais próxima da realidade (...) Fui atrás de muitos psicólogos para conversar com eles, eu li artigos científico e livros sobre o tema”.

Ao ser questionada sobre os “alertas de gatilho” utilizados por algumas editoras para chamar a atenção para conteúdos sensíveis nos livros, Iris Figueiredo nos contou que a nota intimista foi uma forma de resolver essa questão a partir do diálogo direto com o leitor ao final da história. A autora e a equipe editorial da Seguinte acreditavam que o alerta poderia criar uma barreira para que esses livros alcançassem mais leitores. Segundo Iris Figueiredo, estes leitores entram em contato diariamente entram em contato para



relatar a sua identificação com a Cecília e agradecem as informações que o livro lhes trouxe. A nota da autora é uma forma de acolhimento para aqueles leitores que só encontram na ficção um espaço para discutir esses temas.

Em maio de 2020, quando a entrevista foi concedida, a vendagem dos livros passava dos 8 mil exemplares. Em setembro do mesmo ano, *Céu sem estrelas* foi escolhido como o livro de uma leitura coletiva promovida no Instagram da editora¹⁴, como ação do “Setembro Amarelo”, mês dedicado a prevenção ao suicídio. Em março de 2021, Mônica Bergamo anunciou na sua coluna na *Folha de S. Paulo* a adaptação para o cinema da obra pela produtora *Elo Company*¹⁵.

Considerações finais

Os livros jovem-adultos sobre doenças abarcam dois segmentos centrais do mercado e da sociedade contemporânea: a cultura juvenil e a cultura terapêutica. Essas narrativas se fortaleceram no mercado brasileiro a partir de *best-sellers* internacionais publicados nos 2000 que viraram grandes sucessos com suas adaptações audiovisuais. Apesar de serem inicialmente um produto do mercado estrangeiro, nos últimos anos, houve uma demanda por livros nacionais que fossem mais próximos da realidade dos leitores jovens brasileiros, como é o caso do *Céu Sem Estrelas*.

O sucesso dessas obras que trazem a doença como um marcador central está relacionado ao contexto da sociedade contemporânea de fortalecimento da cultura terapêutica. Elas buscam compreender o que Susan Sontag (1977) chama de “dupla cidadania, no reino dos sãos e no reino dos doentes” (: 4) através de histórias e sua aceitação.

Atualmente, as doenças mentais são uma questão importante para saúde pública mundial. A Organização Mundial de Saúde (OMS) aponta o suicídio como a segunda

¹⁴ SEGUINTE. Seguinte lê "Céu sem estrelas". 3 set. 2020. Instagram: @editoraseguinteoficial. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CEsLyeQAXkZ/?utm_source=ig_web_copy_link> Acesso em: 08 de março de 2021.

¹⁵ BERGAMO, Mônica. Produtora vai adaptar ‘Céu Sem Estrelas’ para o cinema. *Folha de S. Paulo*. 01 de março de 2021.



maior causa de mortes no mundo na faixa etária entre 15 e 29 anos¹⁶. Nesse contexto, esses dramas psicológicos são uma possibilidade de identificação e uma forma de apoio através da ficção para essa faixa etária. Segundo a autora Iris Figueiredo: “Quase todos os dias tem alguém que vem conversar comigo sobre isso, sobre identificação, sobre como sente que o livro trouxe (...) uma percepção de que existe uma saída possível, mesmo que não seja aquela óbvia, perfeita, que é um processo contínuo”.

O mercado editorial vem oferecendo aos jovens leitores que enfrentam dificuldades de ordem física e/ou psicológica, um lugar de ajuda, apoio e identificação. Diante da complexidade das narrativas contemporâneas, não podemos reduzi-las à classificação de “literatura doente”.

A análise feita por Julie Elman dos romances jovem-adultos da década de 1980 nos ajuda a compreender as narrativas sobre doenças como um *nicho* do mercado editorial. No entanto, diferentemente das *sick-lits* analisadas por Elman (2012; 2014), *A Culpa é das estrelas* e *o Céu Sem Estrelas* não utilizam a doença como uma metáfora para o amadurecimento, como uma punição ou mesmo como uma lição moral. A condição de saúde das personagens é apresentada como um aspecto fundamental em suas jornadas de autoconhecimento, mas não é a única questão. Essas narrativas tratam também das relações amorosas, da insegurança com o corpo, dos conflitos familiares, dos estudos e da carreira profissional.

Existe também o aspecto pessoal dos escritores em relação às doenças. Essas revelações, geralmente expostas no final dos livros nas notas do autor, ajudam a criar uma ligação mais próxima com os leitores. Esses paratextos contribuem para abertura de um diálogo que continua em canais digitais (redes sociais, e-mails e sites) e/ou presencialmente (em palestras, eventos literários e sessões de autógrafos). Ambos os autores são bastante ativos em suas redes sociais: John Green tem um canal no YouTube chamado vlogBrothers que atualmente conta com mais de 3,1 milhões de inscritos¹⁷; e,

¹⁶ WORLD HEALTH ORGANIZATION. Media Centre: Suicide, 2017. Disponível em: <<http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs398/en>>. Acesso em: 05 de jan de 2018.

¹⁷ Ver em: <https://www.youtube.com/user/vlogbrothers>. Acesso em: 21 mar. 2021.



Iris Figueiredo tem mais de 10,1 mil e 16,8 mil seguidores no Instagram e no Twitter, respectivamente¹⁸.

Neste artigo buscamos compreender o sucesso desses livros a partir das estratégias utilizadas pelos autores e editoras nas narrativas e nos paratextos para falar sobre doenças para jovens. Ficou evidente na nossa investigação que o surgimento da categoria *sick-lit* e a produção significativa de obras desse estilo nas últimas duas décadas, que soma-se a miríade de produtos da cultura terapêutica (ILLOUZ, 2011). Ao utilizar de estratégias sensíveis (SODRÉ, 2016) buscam atender aos desejos dos leitores por respostas e identificação.

Referências

CART, Michael. From Insider to Outsider: The Evolution of Young Adult Literature. *Voices from the middle* – v. 9, n. 2, dec. 2001.

ELMAN, Julie P. “Nothing Feels as Real” - Teen Sick-lit, Sadness, and the Condition of Adolescence. *Journal of Literary & Cultural Disability Studies*. Liverpool University Press – vol. 6.2, 2012, p. 175-191.

ELMAN, Julie P. *Chronic Youth: Disability, Sexuality, and U.S. Media Cultures of Rehabilitation*. Nova Iorque: NYU Press, 2014.

FIGUEIREDO, Iris. *Céu Sem Estrelas*. São Paulo: Seguinte, 2018.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. 6ª edição. Porto Alegre: Penso, 2012.

GREEN, John. *A Culpa é das Estrelas*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

ILLOUZ, Eva. *O amor nos tempos do capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

MERTZ, Maia P. The New Realism: Traditional Cultural Values in Recent Young-Adult Fiction. *The Phi Delta Kappan* – v. 60, n. 2, oct. 1978, p. 101-105.

PUBLISHNEWS. *Lista de mais vendidos*. Disponível em: <<https://www.publishnews.com.br/ranking>> Acesso em: 16 de agosto de 2020.

SILVEIRA, Rosa M.; SILVEIRA, Bruna R. Doença e juventude na sick-lit. *Em Aberto*. Brasília – v. 32, nº 105, p. 107-120, maio/ago. 2019.

¹⁸ Ver em: <https://twitter.com/irisfigueiredo> e <https://www.instagram.com/irisfigueiredo/> . Acesso em: 21 de março de 2021.



SODRÉ, Muniz. *Best-seller: a literatura de mercado*. São Paulo: Ática, 1985.

SODRÉ, Muniz.. *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Petrópolis: Vozes, 2016.

SONTAG, Susan. *Doença como metáfora*. São Paulo: Companhia das Letras, 1977 [ebook].

TRAVANCAS, Isabel. O livro como produto midiático e os estudos de recepção. *Contracampo*. Niterói – v. 26, nº 1, abr. 2013, p. 87-105.

TRAVANCAS, Isabel. *A experiência da leitura entre adolescentes*: Rio de Janeiro e Barcelona. Curitiba: Appris, 2020.

VEJA. *Acervo*. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/acervo/>> Acesso em: 16 de agosto de 2020.